

OBSERVATÓRIO LITERÁRIO DE ELIANE BRUM: O ROMANCE UMA/DUAS CONDUZIDO PELO CONJUNTO DE OBRA

ELIANE BRUM'S LITERARY OBSERVATION: THE ROMANCE UMA/DUAS CONDUCTED BY THE BODY OF WORK

Nathália Coelho da Silva 

nathaliacoelhoj@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5144-1437>
Universidade de Brasília



Dossiê

**Epistemologia do romance:
diálogos e aproximações teóricas**

Organizadores:

Profa. Dra. Ana Paula A. Caixeta



Profa. Dra. Maria V. Barroso



Prof. Dr. Itamar R. Paulino



v. 32, n. 63, dezembro, 2023
Brasília, DF
ISSN 1982-9701



Fluxo da Submissão

Submetido em: 24/05/2023

Aprovado em: 11/07/2023

Distribuído sob



Resumo/Abstract

Palavras-chave/Keywords

Este trabalho resume ideias de tese homônima. A partir da Epistemologia do Romance, é apresentada a Estética de Contrários, percurso de entendimento para o romance *Uma/Duas* (2011), de Eliane Brum. A hipótese é de que os contrários se configuram como um conhecimento sobre o humano: a tensão da tentativa e impossibilidade do homem de se arrancar da própria condição. A interpretação ancora-se no Observatório Literário de Brum, fragmentos organizados pela leitura da obra e extratextos, na busca de vestígios da criação de *Uma/Duas* em forma, conteúdo e intenção de pensar o humano pela ficção.

Eliane Brum; Uma/Duas; Estética dos Contrários; Observatório Literário;
Epistemologia do Romance

This work summarizes ideas from the homonymous thesis. From the Epistemology of Romance, the research presents the Aesthetics of Contraries, path of understanding for *One/Two* (2011), romance by Eliane Brum. The hypothesis is that the contraries are configured as a knowledge about the human: the strain of the attempt and impossibility of man to tear himself away from his own condition. Such an interpretation is anchored in the Brum's Literary Observation, organized fragments by the reading of Brum's body of work, and extratexts, in the search for vestiges of the creation of *One/Two* in form, content and intention of thinking the human through fiction.

Eliane Brum; One/Two; Aesthetics of Contraries; Literary Observation;
Epistemology of Romance.

Introdução

Este artigo objetiva apresentar apontamentos da tese de doutorado desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade de Brasília (PósLit-UnB), entre os anos de 2018 e 2021, com defesa e aprovação em janeiro de 2022. Com o título *Observatório Literário de Eliane Brum: o romance Uma/Duas conduzido pelo conjunto de obra*, a tese foi elaborada a partir da teoria Epistemologia do Romance e da proposta metodológica *serio Ludere*¹, configurando-se como um desdobramento da dissertação de mestrado defendida em outubro de 2017.

Para compreender o caminho de pesquisa, preciso explicar que o interesse em pesquisar Eliane Brum (1966-) remonta minhas origens profissionais jornalísticas, conhecendo primeiro a autora enquanto repórter. Na minha década de atuação em imprensa local e/ou especializada, em Brasília, e práticas nos bastidores do telejornalismo privado, intrigava-me o modo como os discursos noticiosos da TV aberta eram construídos, face às reportagens que Brum fazia².

Dadas as diferenças midiáticas – TV/rádio, impresso, internet, jornalismo local/nacional/especializado, editoriais, públicos e dinâmicas organizacionais – o trabalho de Brum despontava, à época, em minha visão, como uma espécie de lucidez no campo de trabalho, em que usava a reportagem para jogar luz sobre as relações humanas, explorar a complexidade social e dar novos panoramas para o próprio ofício do jornalismo ao propor, por exemplo, a quebra de critérios de noticiabilidade e valores-notícia³, usados pela imprensa, independente dos processos. Brum também abria espaço para um modo de narrar reportagens semelhante aos romances, do qual pesquisadores apontam-na como uma expoente do movimento norte-americano iniciado por Tom Wolfe (1930-2018), na década de 1960, chamado de *New Journalism*⁴.

A reflexão primeira é a de que Brum tinha uma intencionalidade maior que a própria função jornalística, mesmo inconsciente. A profissional parecia tentar desvendar algum aspecto da condição humana por meio de suas reportagens, crônicas e escritos gerais no âmbito da imprensa, abrindo para si, um espaço de exceção no jornalismo brasileiro. Ao escrever o seu primeiro e único romance *Uma/Duas* (2011), até en-

1 Epistemologia do Romance (ER) é um campo teórico iniciado por Wilton Barroso Filho (1955-2019) desde os anos 2000 e em constante construção pelos pesquisadores do grupo de pesquisa homônimo, vinculado aos Programas de Pós-graduação em Literatura (PósLit) e Metafísica (PPGM) da Universidade de Brasília (UnB). De modo geral, a teoria objetiva-se na articulação de saberes entre o leitor-pesquisador e o objeto artístico, a partir de três disciplinas filosóficas: epistemologia, estética e hermenêutica. A análise, por sua vez, busca legitimar o romance (no caso desta tese) como espaço de possibilidades de conhecimento acerca da condição humana, suscitados da relação leitor-obra-autor. Já o *serio ludere* diz respeito ao jogo sério advindo de tal relação, entendido como uma proposta metodológica flexível, adaptada à cada realidade de pesquisa e objeto

2 Eliane Brum trabalhou de 1989 a 2000 no jornal gaúcho *Zero Hora*, de 2000 a 2011 na *Revista Época*, para então atuar por conta própria com jornalismo independente, embora mantivesse uma coluna de artigos no *El país* e em outros jornais internacionais. Em 2023, lançou o Portal de notícias *Sumaúma – Jornalismo do centro do mundo*, voltado para coberturas da Amazônia.

3 As expressões “critérios de noticiabilidade” e “valor-notícia” são elaboradas pela corrente teórica *newsmaking*, na segunda metade do século XX, nos EUA, cujo objetivo era pensar a transformação do fato em notícia e os processos implicados. A noticiabilidade diz respeito à “aptidão potencial de um fato a se transformar em notícia; ou conjunto de requisitos que se exige um acontecimento para que ele adquira existência como notícia” (HOHLFELDT, 2001, p. 208). Já os valores-notícia são “elementos verificáveis de forma posterior à publicação de análise da narrativa jornalística que reconstituem a decisão de torná-la como tal; ou mesmo, em acréscimo, valores que precedem à narrativa e sua avaliação de noticiabilidade; são infinitos (HOHLFELDT, 2001, P. 208).

4 Protestando contra a ideia de neutralidade e objetividade do jornalismo norte-americano, o jornalista Tom Wolfe lança um manifesto por um *novo jornalismo*, na década de 1960, em que se abandona as perguntas do lide (primeiro parágrafo da notícia: *o quê, quem, quando, onde, como e por que*) para trazer ao texto valor estético além do informacional, usando-se de técnicas de escrita comumente usadas na Literatura, como as figuras de linguagem, descrições e focos narrativos. José Hamilton Ribeiro (1935-), Joel Silveira (1918-2007) e Audálio Dantas (1929-2018) são exemplos de jornalistas brasileiros adeptos ao estilo.

tão, no entanto, Brum deu entrevistas reiterando que “há certas realidades que só a ficção suporta”⁵. Em meu entendimento, uma maneira de demonstrar que mesmo com as liberdades narrativas e de escolhas adquiridas e reivindicadas nas redações que passou, sentia-se podada naquilo que, de fato, gostaria de dizer.

O afastamento da factualidade para a escritura ficcional de *Uma/Duas* deu-me, portanto, uma possibilidade de compreensão maior da estética da autora, do seu processo de criação, entre forma, conteúdo e suas possíveis intencionalidades com a construção de um romance, em que uma filha – Laura e uma mãe – Maria Lúcia se amam e se odeiam na mesma proporção e precisam dar conta dos seus conflitos. A única maneira reconhecida por Laura, para se arrancar dessa situação, é matando a mãe, numa ficção escrita dentro da ficção. Isso ocorre enquanto Maria Lúcia, ao envelhecer, enfrenta um câncer agressivo com poucas chances de cura. Só dessa sinopse emerge um tema interdito, como a quebra da romantização da maternidade, e, aprofundando, é possível falar ainda sobre a morte e a condição humana da mulher no contemporâneo (para limitar aos temas trabalhados na tese).

Ademais, defendo a presença de um eixo de conhecimento que liga os três temas listados acima no romance que chamei na tese de Estética dos Contrários – cujo cerne está em demonstrar, pelo percurso de entendimento, como Eliane Brum apoia seu desenvolvimento estético na ideia de contrários: o movimento humano de tensionar, em sua existência, a tentativa e ao mesmo tempo impossibilidade de se arrancar da sua própria condição.

Contudo, é também pela reconstituição do Observatório Literário da autora que fundamento minhas ideias acerca do romance *Uma/Duas* e da sua estética propriamente dita. Afinal, sendo *Uma/Duas* romance único em seu conjunto de obra, é preciso levar em consideração o caminho profissional da autora, entre li-

vros progressos e posteriores lançados, para mapear possíveis ecos acerca da necessidade da ficção, influências e possibilidades de pontos de partida para o romance. Chamo esta leitura sistemática da obra e busca de vestígios em materiais extratextuais, tais como entrevistas e palestras, de Observatório Literário, em que tento reconstituir o processo criativo da autora, de forma fragmentário, com o intuito de observar o gesto de transgressão de Brum na ficção, com intencionalidades de pensar o humano, mesmo que não se dê conta. Neste artigo, falarei brevemente sobre as duas expressões – Estética dos Contrários e Observatório Literário – de modo a promover um apanhado geral sobre a pesquisa.

1. Estética dos Contrários

Estética dos Contrários é uma expressão elaborada no mestrado, entre 2016 e 2017, com desenvolvimento no doutorado, que diz respeito a um percurso de entendimento estético no âmbito do romance *Uma/Duas*, amparado e fundamentado a partir do conjunto de obra de Eliane Brum. De um lado, o termo “Estética” faz alusão aos elementos utilizados pela autora na sua criação ficcional, entre questões de forma e de conteúdo, que se organizam em torno da ideia de contrários – entendida aqui como a tentativa e impossibilidade humana de se arrancar da própria condição. Tal formulação parte, dentre outras coisas, de duas acepções dadas por André Lalande em *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia* (1999) como “dois movimentos em sentidos opostos” ou “duas mudanças em que cada uma tem um ponto de chegada, ou de direção, aquilo que para outra é ponto de partida ou origem” (LALANDE, 1999, p. 206/207).

Dentro da perspectiva da Epistemologia do Romance, resalto que a fundamentação de uma possível ideia de conhecimento que sustente a narrativa remonta aos estudos hege-

5 Reportagens e entrevistas sobre a autora costumavam ser disponibilizadas a partir de um *clipping* realizado pela própria equipe do *site* oficial de Eliane Brum. Embora a página tenha sido fonte de informação no processo de elaboração da tese, em maio de 2023, o *sítio* eletrônico aparece desativado.

lianos acerca da Estética; por sua vez, de forma geral, afirmam ser uma obra de arte fruto não apenas da inspiração, mas também de uma intenção do criador – consciente ou não, como já reiterado – promovida num tempo histórico, de materializar, dando forma, conteúdo e aparência, de modo a operacionalizar essa ideia como objeto artístico. Para a ER, é essa racionalidade que pode ser perseguida pelo pesquisador a partir da busca de vestígios e regularidades de escolhas, pelo desenvolvimento de conteúdos no romance, temas e exploração de formas sensíveis.

Por outro, na concepção da Estética dos Contrários são também salientadas ainda, em tal percurso de entendimento, as relações sensíveis advindas da minha experiência, enquanto leitora-pesquisadora⁶, para com a obra e os efeitos que ela me provoca. Neste caso, por parte do receptor, a ER baseia seus apontamentos nos estudos kantianos do gesto de conhecer, que ocorre entre o sujeito e o objeto, descritos na *Estética Transcendental*, em *Crítica da Razão Pura* (1781). Resumidamente, a ER busca uma perspectiva pedagógica que possa fazer do leitor alguém consciente dos seus caminhos interpretativos e seus perigos; partindo dos efeitos estéticos que o atravessam, num primeiro momento, para então ultrapassá-los para o desejo de fruição, de permanecer, de tentar entender o objeto e por fim traçar hipóteses de conhecimento advindas da narrativa romanesca, fundamentadas na busca por regularidades e evidências; em meu caso, dos “contrários”. Trocando as palavras, o leitor-pesquisador deve ter ciência e responsabilidade ao proferir sua crítica ao objeto analisado, a partir do discernimento de como acontece a sua relação para com ele, não fundamentando-a apenas em juízos primários da sensação.

Ainda no mestrado, o foco da Estética dos Contrários estava na exploração da personagem Laura como o eixo de tal ideia, a partir do modo como ela se comporta como uma escritora ficcionalizando a própria vida dentro da

narrativa, baseando-me no conceito de metaficção de Linda Hutcheon (1991), conforme demonstrado:

Em *Uma/Duas*, ao revestir-se como o eixo epistemológico do romance, Laura configura-se [...] uma experiência palpável da profunda relação contraditória da oposição de ser sujeito e objeto de si mesmo, no desdobramento da ficção para a ficção. Um aparece imbricado ao outro e não se dissociam. Laura é, literalmente, neste primeiro momento, *Uma/Duas* de si nesta relação. Afirmando isto ao observar as duas vozes que emergem da personagem (SILVA, 2017, p. 120).

Também foi apontado o modo como Eliane Brum organizou a escrita ficcional girando em torno do conflito, tanto pelo tensionamento dos três narradores, uso de verbos, metáforas e o que chamei, à época, de maqueamento:

O termo “maqueamento” é usado nesta dissertação no sentido de encobrir uma determinada realidade. Pelo dicionário Larrousse do Brasil (2007), maquiagem é da ordem de “modificar superficialmente para deixar bonito, atraente. Ou usar produtos de cosméticos para atenuar imperfeições.” [...] Seguindo o caminho contrário, *Uma/Duas* trabalha o modo como as pessoas “maquiam” suas próprias realidades e a si mesmo nas relações sociais para, metaforicamente, “promover o apagamento dos conflitos” (SILVA, 2017, p. 26).

Já no doutorado, não perco como pano de fundo a ideia de contrários baseada na metaficção construída por Eliane Brum – da qual o próprio romance emula a escritura de um romance na sua trama – para também entender

6 Ver em *Verbetes da Epistemologia do Romance, volume 1* (2019).

que a criação estética, no caso, literária, na perspectiva teórica escolhida para análise, também se dá por conflito,

a partir da estética hegeliana, em que a contradição acontece pela dialética de pensar pelo conflito, num diálogo intenso consigo mesmo, causado entre a materialização do espírito infinito na finitude humana (SILVA, 2022, p. 56).

Dentro desta visão, exemplifico ao dizer que o romance *Uma/Duas* inicia-se com o desejo inocente de Laura de ser deus-criador da ficção: “Começo a escrever esse livro enquanto a minha mãe tenta arrombar a porta com suas unhas de velha” (BRUM, 2011, p. 7); para terminar com a constatação de que escrever romance é o antagonismo disso. “Um romance é sempre um filho. Mas é um filho do inferno. E é legião” (BRUM, 2011, p. 175).

A expressão Estética dos Contrários, não obstante, é ainda reelaborada na pesquisa de doutorado com base nas ideias de *A condição humana* (2007 [1958]) de Hannah Arendt. Na introdução do livro, a teórica promove reflexões a partir da espetacularização da imprensa norte-americana da corrida à Lua, sobre como a ciência tenta superar as próprias limitações humanas ao dedicar tempo e energia na exploração do espaço quicá na colonização de outros planetas ou na formulações de ideias de superação da morte.

Recentemente a ciência vem-se esforçando por tornar artificial a própria vida, por cortar o último laço que faz do próprio homem um filho da natureza. O mesmo desejo de fugir da prisão terrena manifesta-se na tentativa de criar a vida numa proveta, no desejo de misturar, sob o microscópio, o plasma seminal congelado de pessoas comprovadamente capazes a fim de produzir seres humanos superiores e alterar-lhes o tamanho, a forma e a função, e talvez o desejo de fugir à condição humana esteja presente na esperança de prolongar a duração da vida humana para além do limite dos cem anos (ARENDRT, 2007, p. 10, grifo

nosso).

O desejo de fugir à condição humana expresso por Arendt no trecho acima parece-me remeter a série de elementos estéticos no romance que exploram em menor ou maior intensidade a ideia de contrários: um movimento contínuo, antagônico de tensão de o homem a todo instante tentar superar a sua própria condição e falhar, reiteradas vezes. Posso citar, como exemplo, situações em *Uma/duas* que vão desde o pano de fundo geral da estória de Laura, de querer arrancar-se da mãe, ao modo como a própria narrativa é contada, pela interpolação de três vozes – Laura, a mãe e um narrador em terceira pessoa do romance de Laura – desencadeando uma suspensão de verdade no discurso, pela ficção dentro da ficção, mesmo que, a todo instante, revele-se uma necessidade das personagens de construí-la [uma suposta verdade sobre as próprias vidas]. Ademais, posso citar ainda o fato de o romance ser escrito de modo a provocar no leitor a sensação antagônica de contrários, quando coloca na mesma face da narrativa contrastes entre amor/ódio, matar/salvar imbricados nas ações de Laura e Maria Lúcia. Acrescento ainda que se o desejo de Laura era usar a ficção para assassinar a mãe, descobre, ao fim, “que escrevi sobre a impossibilidade da literatura. O fracasso previamente assumido ao tentar transformar vida em palavra” (BRUM, 2011, p. 175).

Deste ponto, temos a pergunta principal que norteia a Estética dos Contrários: é possível um homem arrancar-se da sua própria condição? Em seu livro, Arendt (2007, p. 15) elenca como três condições humanas: o labor – energia que possibilita vitalidade ao humano, no período de espaço em que nasce e morre, e o modo como o sistema de trabalho, a produção artificial das coisas, – segunda condição – impõem um afastamento de consciência do próprio homem no processo de envelhecimento, entendido fora da sua natureza e no mundo criado pelos homens como “declínio” (ARENDRT, 2007, p. 109). Já a ação, terceiro ponto, diz respeito ao discurso e à linguagem humana, em consonância ou não com a ação, dando à humanidade a

característica de unidade e ao mesmo tempo de pluralidade, no processo do próprio humano de compreensão de si mesmo. No entanto, reitero a partir da teórica, palavra e ação combinadas podem tanto elevar ou derrotar uma sociedade.

É com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano; e esta inserção é como um segundo nascimento, na qual confirmamos e assumimos o fato original e singular do nosso aparecimento físico original (ARENDDT, 2007, p. 189/190).

Posso dizer, portanto, que labor e ação são as duas condições que melhor auxiliam na compreensão basilar da Estética dos Contrários em *Uma/Duas*, em que divido a pergunta principal em três menores para detalhar aspectos dos contrários, tanto em elementos da forma quanto do conteúdo: 1. É possível que uma filha se arranque da mãe? 2. É possível que um ser humano se arranque da morte? 3. É possível que a palavra arranque do corpo o conflito? Os dois primeiros questionamentos giram em torno do labor e o terceiro, da ação. Farei uma breve explicação de cada um desses pontos, focando no modo como a narrativa romanesca em questão parece trabalhar, em suas especificidades da estória, questões individualizadas que levam o leitor a pensar acerca do mecanismo dos contrários operando no humano.

1.1 É possível que uma filha se arranque da mãe?

Nessa pergunta, ênfase o fato de Eliane Brum ter dado vida ficcional a duas personagens – Laura e Maria Lúcia – que problematizam, em seu cerne, o ato de nascer numa condição humana feminina. Esta é uma questão trabalhada pela narrativa frente às convenções sociais que supostamente imprimem a cada ser humano fêmea, digo, biologicamente, costumes do que é ser mulher, aparentemente indissociáveis do que é ser mãe. Em uma das suas elocu-

ções, Laura diz:

Nos meus sonhos, eu era Humphrey Bogart, não Ingrid Bergman. Eu era Hemingway, não Jane Austen. **Sem a mãe, eu não precisava ser mulher.** Quem saberia? Agora eu podia ter qualquer corpo meu. E eu preferia um corpo que não doesse, um corpo liso e duro, um corpo que podia se enfiar em alguém e machucar por dentro. E que não sangrava a cada óvulo morto, a cada criança viva (BRUM, 2011, p. 134/135 grifo nosso).

A partir de um diálogo com Simone de Beauvoir (1908-1986), em sua obra *O segundo sexo* (2016 [1949]) e o conjunto de obra de Eliane Brum, tento demonstrar como Brum utiliza da sua liberdade no romance para pensar essa pretensa indissociabilidade humana entre o ser mulher e ser mãe, a partir da criação de duas personagens que transgridem, em suas próprias ações, tanto a romantização da maternidade e a sua compulsoriedade, bem como a sacralização da figura materna, a naturalização de uma consciência, amor materno e as relações desiguais entre homens e mulheres. Conforme afirma Beauvoir,

todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade [...] Embora certas mulheres se esforcem por encarná-lo, o modelo nunca foi registrado (BEAUVOIR, 2016, p. 9-10).

Eliane Brum escancara em *Uma/Duas* indizíveis profundos, embora não registrados – no sentido de patente, como uma ordem, uma lei, uma regra expressa – como afirma Beauvoir, por meio da abordagem de diversos temas do universo humano feminino que são silenciados nas relações sociais e podem escandalizar, eticamente falando, ou serem patologizados se abordados fora da ficção: sentimentos e emoções radicalizados por parte da mãe e da filha, como o

desejo da morte doída [simbólica ou não] da outra, frente a uma culpa estagnante e ao mesmo tempo uma consciência de amor não romântico ou egoísta; o afogamento de quatro bebês por parte de Maria Lúcia, frutos de um estupro, logo após o nascimento, que pode trazer à tona uma discussão tanto sobre a depressão pós-parto, o aborto quanto sobre o incômodo da criação de um filho sem a escolha genuína e consciente da maternidade e/ou uma relação marital saudável.

Ademais, também elenco o modo como a autora trabalha interditos por meio de metáforas que lembram o reino animal ou destronam eufemismos para dizer sobre as mudanças do corpo na gestação ou da própria criança que nasce.

Eu duvido que essas mulheres que ficam exibindo suas barrigas saudáveis nessas revistas femininas que Laura costuma comprar e falando sobre as maravilhas da maternidade não tenham pelo menos um dia, um diazinho só, sentido que havia um **monstro** dentro delas, comendo-as de dentro para fora. Pode ser que eu seja a única mulher doída do mundo, mas duvido. Duvido. **Apenas que ninguém tem a coragem de confessar porque vivemos na época dos idiotas** (BRUM, 2011, p. 143/144, grifo nosso).

Para além das problemáticas que atravessam Laura e Maria Lúcia, há também, no romance, uma discussão mais visível sobre como uma mulher pode despertar a sua própria consciência, independências física, emocional e sexual, dentre outras, diante do que foi mencionado, e a desidentificação própria de uma filha do ser mulher da mãe e da criação que teve. Atribuo o título do romance, inclusive, a este ponto: *Uma/duas*, nos desdobramentos de Laura em se arrancar da mãe, literalmente, metaforicamente – cerne da pergunta em questão – e ao mesmo tempo não conseguir, até mesmo pós-morte.

1.2 É possível que um ser humano se arranque da morte?

Dentro da condição elencada por Arendt do labor, também identifico em *Uma/Duas* o tema do morrer, de modo geral, trabalhado a partir do câncer que acomete Maria Lúcia e a sua escolha pela eutanásia ilegal concretizada por Laura, a seu pedido. Não obstante, o romance ainda é convidativo a pensar o perecer do corpo humano, também a partir da personagem da mãe, Maria Lúcia, ao expor sua degradação numa das primeiras cenas narradas, em que é encontrada por uma amiga desfalecendo em meio a sujeira, fezes, urina e um gato comendo seu pé.

Vejo que o romance levanta reflexões sobre o morrer contemporâneo, a morte natural, a questão do envelhecimento, a finitude, o controle narrativo da morte pela medicina, pela religião, a aceitação da pessoa acometida e dos familiares, o luto e o tabu da eutanásia; temas das quais discuto frente ao conjunto de obra de Brum, articulando diálogos com teóricos como o historiador francês Philippe Ariès (1914-1984), em *O homem diante da morte* (2014 [1977]); e o britânico Geoffrey Gorer (1905-1985), por meio do ensaio “Pornografia da morte” (1955), ambos, inclusive, lidos por Brum.

O tema da morte, vale ressaltar, é o único assumidamente como um inspirador de Eliane Brum para escrever *Uma/Duas*, tanto nas entrevistas que deu sobre o romance quanto sobre o que revela em sua autobiografia *meus desacontecimentos: a história de minha vida com palavras* (2014):

Quando Ailce, a mulher que me ensinou a viver morrendo, cessou de respirar, eu viajei até o povoado para comprar meu próprio túmulo no cemitério de lomba onde mora Luzia. [...] Em seguida, comecei a escrever um romance em que uma filha se arranca do corpo da mãe. *Uma Duas*. Há realidades que só a ficção suporta. Precisam ser inventadas para ser contadas (BRUM, 2014, p. 78).

Ailce de Oliveira Souza, mencionada por Brum nesse trecho, é a protagonista da reportagem *A mulher que alimentava*, publicada pela revista *Época*, em 2008, e em *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real* (2008, nova versão em 2017). Brum vive uma experiência radical de jornalismo ao acompanhar os últimos 115 dias de vida de Ailce, entre março e junho de 2008, nos cuidados paliativos de um câncer terminal, em São Paulo. Essa reportagem é uma das principais de outras 13 realizadas pela repórter, na *Época*, sobre o tema da morte natural, com pouca relevância para a imprensa.

Destes fatos, infiro a importância para a autora do tema na constituição do romance, bem como as possíveis reflexões sobre a morte como uma realidade que não deve ser negada, institucionalizada ou eufemizada pela cultura ocidental. Como reitera Gorer sobre a morte ser um assunto pornográfico,

[...] Nossos bisavós foram informados de que bebês foram encontrados sob arbustos de groselha ou repolhos; nossas crianças provavelmente ouvirão que aqueles que morreram serão transformados em flores, ou descensem em belos jardins. Os fatos feios estão implacavelmente escondidos; a arte dos embalsamadores é uma arte da negação completa (GORER, 1955, p. 51, tradução nossa).

Neste sentido, a ideia de contrários que opera a partir de tal conteúdo demonstra, por meio das duas personagens, a consciência da própria finitude, a incorporação da realidade da morte, a expressão do tema sem pudores, enfrentando os pretensos discursos médicos e/ou silenciamentos; e o desejo de uma morte digna pela eutanásia para além de qualquer divergência que possa ocorrer entre mãe e filha.

O romance parece suscitar ainda ao leitor reflexões sobre as legalidades contemporâneas da sociedade brasileira no trato da morte, em

termos de práticas médicas, corporativas e legislação, assemelhando-se, pelos contrários, ao que seria o mesmo de submeter um paciente a uma tortura, tirando-lhe a possibilidade de lidar com os próprios desejos, desimportando a qualidade dos últimos dias e querendo impor, por aparelhos, a vida só em seu sentido biológico.

Em uma das elocubrações, a personagem Laura reflete, ao pensar sobre o pedido da mãe de matá-la, frente ao querer inicial dela [Laura] de assassinar a mãe, pelo ódio:

Tudo o que de pior eu sonhei pra ela e inteiramente dentro da lei. Algum tempo depois ela morrerá em dor, sozinha numa UTI, toda remendada, careca pela quimioterapia, presa a tubos e fios, sem poder falar e me alcançar (BRUM, 2011, p. 137).

Todavia, ao final do romance, o matricídio é substituído pela eutanásia, não mais para impor à mãe o sofrimento ou um desejo de vingança, mas uma libertação da vida, como um ato de amor.

1.3 É possível que a palavra arranque do corpo o conflito?

Este terceiro ponto dá ênfase aos elementos estéticos do romance, à construção de metáforas que imbricam a relação de corpo e palavra; que fazem alusão, por sua vez, à condição humana da ação, conforme dito por Arendt e mencionado anteriormente. De modo geral, portanto, exploro como Eliane Brum formata *Uma/Duas*.

Isso significa dizer que, em termos de narrativa, a autora, de alguma maneira, relaciona o entendimento de determinada história ou argumentação pelo corpo, no sentido de exploração das partes humanas, fluidos, sangue, carne; ou pela palavra, como um

elemento que esconde ou eufemiza determinadas situações, como também demonstram força ou poder sobre o outro. Também, entendimentos que misturam ambos, como o das expressões “palavra encarnada” ou “corpo de palavras” (SILVA, 2022, p. 148).

Tal qual o tema da morte, a relação corpo/palavra é um artifício estético de repetição observável em toda o conjunto de obra da autora. A relação, inclusive, é cara para a própria Brum, em termos de compreensão do seu nascimento enquanto sujeita. Em *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura real* (2017), Brum diz:

Escrever, para mim, é um ato físico, carnal. Quem me conhece sabe a literalidade com que vivo. E, principalmente, a literalidade com que escrevo. Eu sou o que escrevo. E não é uma imagem retórica. **Eu sinto como se cada palavra, escrita dentro do meu corpo com sangue, fluidos, nervos, fosse mesmo de sangue, fluidos, nervos.** Quando o texto vira palavra escrita, código na tela de um computador, continua sendo carne minha. Sinto dor física, real e concreta nesse parto. Sou tomada por essa experiência (BRUM, 2017, p. 110, grifo nosso).

Neste sentido, ao levar a problemática para o romance, Brum constrói, contraditoriamente, além do que já foi dito em termos de metáforas, duas personagens cujas existências são perpassadas profundamente por silêncios, não ditos, sufocamentos, e encontram na palavra escrita uma possibilidade do grito: Laura, ao escrever um romance dentro do romance, e a voz de Maria Lúcia, ao invadir a narrativa de Laura por meio das cartas que dão o tom da sua perspectiva da estória.

Todavia, é interessante observar que a associação entre corpo/palavra não é carregada em *Uma/Duas* de um caráter salvatório, embora aparentemente dê essa sensação. Em meu entendimento, tal associação é marcada pela tentativa, mas impossibilidade de arrancar o

conflito pela palavra, demonstrando a múltipla consciência dessa associação, que desperta fingimentos, suspensão ou consolidação social/estética de verdades – dialogadas aqui com *A salvação do Belo* (2019) e *Sociedade paliativa: a dor hoje* (2021), do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han – e desejos de poder ou controles de corpos, com foco em Michel Foucault, em suas obras *Vigiar e punir* (1987 [2014]), *Microfísica do poder* (1979) e *História da Sexualidade – vontade de saber* (1999 [1976]).

Vale lembrar ainda, neste íterim, que corpo/palavra, em *Uma/Duas*, são levados tanto à literalidade no romance a ponto de cada narrador ser marcado por uma fonte diferente – normal, negrito e itálico – e a primeira edição do livro, de 2011, vir impressa com as letras em vermelho, numa possível alusão à escrita com sangue. Este ponto parece conectar-se com o fato de Laura parar a automutilação do próprio corpo quando começa a dar corpo de palavras para o seu romance, nas primeiras linhas da narrativa:

A risada do braço. O sangue saindo pela boca do braço. Quantas vezes eu já me cortei?” [...] Depois da primeira palavra não me corto mais. Eu agora sou ficção. Como ficção eu posso existir (BRUM, 2011, p. 07).

Outro ponto nesta associação (ou dissonância) entre corpo e palavra pode ser demonstrado na escolha visceral da autora em escrever sem eufemismos, utilizando-se de expressões literais que podem causar efeitos no leitor opostos à agradabilidade ou às sensações apazíveis. Por vezes, a leitura pode se tornar indigesta pela exploração excessiva de situações humanas escondidas em âmbito público. Há uma cena em *Uma/Duas*, por exemplo, em que Laura está numa livraria e faz uma proposta sexual para um homem: “E se eu quiser dar para você agora, você encara? Ele está um pouco assustado com a reversão. Eu deixo você comer a minha boceta se você me deixar enfiar meus dedos no seu cu” (BRUM, 2011, p. 77).

Essa passagem pode ser interpretada por diversos sentidos, demonstrando, por exemplo, uma subversão no que tange ao primeiro questionamento desenvolvido acerca das questões da condição feminina frente a relacionamentos desiguais entre homens, mulheres e violências que advém daí. Ademais, é possível pensar ainda sobre como Brum parece trabalhar em *Laura* a tentativa de quebra da dominação dos corpos, por discursos que intentam produzir verdades únicas, conforme reflete Foucault (1979), usando a personagem para confrontar a tentativa de imposição estética da positividade e a anulação da negatividade, como afirma Han (2019; 2021).

Não obstante, é importante ressaltar que nesta relação estética entre corpo e palavra, a partir do narrador em terceira pessoa criado por Laura, ambas as personagens se colocam em situações sociais das quais se aproveitam – pelo contrário do exposto – e jogam com as verdades pré-estabelecidas, ironizando, fingindo, performando, por exemplo, com a pretensão de controle de profissionais da saúde sobre o outro a partir do discurso dito, como uma psicóloga: “A psicóloga gosta de lágrima. Então ela também gosta. Mantém a expressão angustiada e um vago ar de idiota” (BRUM, 2011, p. 47).

De modo geral, portanto, o olhar da Estética dos Contrários apresenta uma conceituação geral da ideia e a sua particularização nas três perguntas, bem como suas respectivas reflexões sobre a condição feminina humana, o morrer e a relação corpo/palavra. Todavia, a construção deste percurso de entendimento só foi possível pela leitura do romance em seu conjunto de obra – a despeito de ser o único romance dos livros publicados por Brum – abrindo a possibilidade de reconstituir fragmentariamente o percurso de criação de *Uma/Duas* e seus ecos posteriores. Tal atitude denominei de *Observatório literário*; e falarei adiante.

2. Observatório Literário de Eliane Brum

Observatório Literário foi um verbete desenvolvido por mim, a partir de um projeto coletivo da Epistemologia do Romance de publicação de termos e expressões comumente usadas nas análises da ER, e publicado em *Verbetes da Epistemologia do Romance – volume 2* (2021), paralelo à pesquisa do doutorado. De modo geral, “é uma metáfora usada pela ER para designar o local de criação e pensamento do autor se desenvolvendo” (SILVA, 2021, p. 123). É um ambiente de processo criativo que pode ser reconstituído, nunca em completude, pelo leitor-pesquisador ou mesmo ser assumidamente publicado pelo próprio autor, como é o caso de Milan Kundera, cujas ideias acerca do projeto estético são expressas em coletânea de livros ensaísticos.

Desta feita, é importante fazer uma diferenciação do Observatório Literário da crítica genética francesa. Enquanto a crítica é em si a própria finalidade, ou seja, a reunião intencional de vestígios históricos dos bastidores de uma narrativa para a compreensão do autor, o Observatório Literário é um meio para acessar possibilidades de conhecimento acerca da condição humana do romance, da obra. De acordo com Barroso,

O interesse da ER não é pela vida e obra do autor, suas reflexões não estão voltadas ao biografismo que se fez presente na crítica literária até boa parte do século XX, do mesmo modo, também não está preocupada em sondar aspectos da personalidade do escritor. [...] O que almeja a ER é, sobretudo, compreender os sentidos e motivações das escolhas estéticas realizadas pelo criador da obra [...]; é algo que auxilia no processo e elucidação no que se refere ao papel exercido pelos elementos estéticos no funcionamento da obra (BARROSO, 2019, p. 158-159).

O cerne está, portanto, em mostrar como o autor, do seu Observatório Literário, enxerga o presente – em suas vivências, leituras e experiências de vida – para então, pela onisciência

temporária e finita, dar vida ao seu universo ficcional estético e romanesco com intenções de pensar o humano. A expressão, inclusive, é cunhada por Wilton Barroso Filho a partir da leitura do romance *A lentidão* (2011 [1995]), de Milan Kundera, em que o narrador do romance, uma criação ficcional do próprio Kundera, viaja a um castelo da França com a esposa Vera e, em um dado momento, põe-se a rascunhar histórias e personagens ali, naquele mesmo ambiente, enquanto observa a vida de uma janela. Vera, que está dormindo, acorda de sobressalto de um pesadelo:

Estava num corredor muito comprido desse hotel. De repente, ao longe, surgiu um homem que veio correndo em minha direção. Quando chegou a uns dez metros, o homem começou a gritar. [...] Depois aproximou-se, ameaçador, já muito perto de mim e foi aí que você me acordou. “Desculpe”, eu disse. “Você é vítima das minhas elucubrações.” “Como assim?” “Como se os seus sonhos fossem uma lixeira onde eu jogasse as páginas bobas demais.” “O que você está inventando? Um romance?”, ela pergunta angustiada. (KUNDERA, 2011 [1995], p. 63).

No caso de Eliane Brum, construo o Observatório Literário levando em consideração entrevistas, palestras com a autora e o conjunto de obra – publicado, por um processo editorial, e em português, formado por: o livro-reportagem *Coluna Prestes: o avesso da lenda* (1994); as crônicas de *A vida que ninguém vê* (2006); a coletânea de dez reportagens *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real* (2008, 2017); as colunas de opinião reunidas em *A menina quebrada: e outras colunas de Eliane Brum* (2013); a autobiografia *meus desacontecimentos: a história da minha vida com palavras* (2014); o livro ensaístico *Brasil, construtor de ruínas: um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro* (2019). O recente *Banzeiro Òkòtó: uma viagem à Amazônia Centro do Mundo* (2021) que mescla reportagens, memórias e ensaios não deu tempo de entrar na pesquisa.

Ao promover leitura sistemática da obra, tento refletir, na tese, sobre o que pode ter suscitado a criação de Laura e Maria Lúcia e *Uma/Duas* como um todo; também sobre como ocorre o gesto reflexionante da autora e Brum intenciona uma liberdade estética e autoral mais próxima do literário no jornalismo que acaba desembocando na ficção; e por fim o que o conjunto de obra me revela sobre os contrários.

Acerca da criação das personagens e especificidades da narrativa, trabalhei possíveis pontos de partidas, possibilidades de interpretações que um fato acontecido e relatado numa reportagem ou numa coluna, por exemplo, pode ter inspirado a criação de uma cena no romance, a transgressão da autora e o que me levou a observar a ideia de contrários operando. Como exemplo, posso citar o caso da Eva, protagonista da reportagem *Mães vivas de uma geração morta*, publicada em julho de 2006, pela *Época*, sobre histórias de mães que perderam seus filhos assassinados pelo tráfico. Em uma noite, Eva é acordada pelo marido enfiando uma faca em sua vagina, culpando-a pelo homicídio do filho. Deste fato, intuo haver uma relação entre o relato de Eva e a criação da cena de Laura, em *Uma/Duas*, em que a mulher se masturba com o cabo da faca enquanto a lâmina sangra sua mão. Brum escreve: “Vira a faca e enfia o cabo, com força. Alguns fios de sangue escorrem das mãos que agarram a lâmina. Mas é só. Ela goza. Sente dor ao caminhar. E gosta. Gosta de pensar que foi violentada por si mesma” (BRUM, 2011, p. 121).

Neste trecho entendemos como o Observatório Literário opera. Saber de Eva pôde ter proporcionado a Eliane Brum, em seu processo de criação, um ponto de partida na ficção de usar o episódio da faca de modo a provocar uma transgressão: Se pela reportagem, a violência ocorrida em Eva dizia, taxativamente, sobre o horror do abuso cometido a uma mulher, no romance, a cena de Laura pode provocar múltiplos sentidos ao leitor, inclusive o fato de problematizar, a partir da própria mulher, o sadismo de viver por suas próprias mãos um abuso num mundo do qual ela não tenha outro destino que não seja o ódio ao seu próprio corpo.

Ademais, demonstro pelo Observatório como Eliane Brum – dentro do jornalismo – é enquadrada por estudiosos, como Edvaldo Pereira Lima (2009) e Francisco de Assis (2014), no Jornalismo Literário ou Diversional, respectivamente, que por si só já intentam mais liberdade na imprensa – tanto pela escritura de gêneros interpretativos, mais longos e não factuais, como as grandes reportagens; e opinativos, como as crônicas e colunas. Esta discussão é importante para pensar sobre os limites éticos da jornalista, a liberdade da romancista e o desejo consciente da autora de se enveredar para a ficção.

Para finalizar, observo como os contrários aparecem nos livros pregressos e posteriores, como por exemplo na observância dos títulos; na escolha de temas das reportagens e o modo como Brum as narra, tanto ao tentar trazer complexidade para a reportagem e as opiniões, quanto utilizando, como ocorre no romance, o jogo estético entre corpo e palavra; ou até mesmo quando reflete sobre os limites e impotências da sua profissão.

Considerações finais

Neste artigo fiz uma breve apresentação da minha tese de Doutorado, defendida em janeiro de 2022. Pude demonstrar, portanto, como foi possível elaborar a hipótese do meu trabalho, amparada em dois pontos importantes: Estética dos Contrários e o Observatório Literário de Eliane Brum.

É importante dizer ainda que dentro dos aspectos estudados pela Epistemologia do Romance, uma das preocupações do pesquisador está em compreender – no universo específico de cada trabalho – como a ficção estudada pode suscitar conhecimento acerca das questões universais sobre o humano. No caso desta tese, posso ressaltar que a ideia de contrários – a tentativa e impossibilidade de se arrancar da própria condição – traz à tona problemáticas contemporâneas que nos ajudam a pensar, por

exemplo, a falência da palavra (expressão cunhada por Brum, questões relacionadas à dicotomia entre o ético e o estético, que desemboca, por exemplo, na edição de vidas nas redes sociais ou até mesmo em processos de desinformação; da condição humana feminina e suas tantas pautas (maternidade, aborto, sexualidade, misoginia) que permanecem sendo reivindicadas; e a finitude humana que se impõe, por exemplo, por movimentos como os cuidados paliativos, ou de pacientes com doenças incuráveis levantando o ativismo em torno da naturalização da morte para falar sobre a valorização da vida – mesmo numa sociedade que pretende abafar a morte.

Por fim, é válido ressaltar ainda o não fechamento da pesquisa, em função de haver uma autora viva e em produção; e minhas intenções de aprofundamento. Na tese, escolhi o recorte de desenvolver seu Observatório Literário a partir do conjunto de obra publicado e em português, mas não explorei os contos da *Vida Breve*, escritos para plataforma homônima entre 2009 e 2011 e seu novo livro *Banzeiro Òkôtô: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo* (2021), do qual, inclusive, há um anexo na tese desenvolvido a partir de uma entrevista feita com Eliane Brum pela pesquisadora Neila Souza e eu.

Referências

- ARENDDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- ARIÈS, P. *O homem diante da morte*. Tradução de Luiza Ribeiro. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- ASSIS, F. *Jornalismo diversional: função, contornos e práticas na imprensa brasileira*. 2014. 445f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/712/1/Francisco%20de%20Assis2.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2021.

- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Fatos e Mitos. volume 1. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BRUM, E. *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*. 2ª ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.
- BRUM, E. *Uma/Duas*. São Paulo: Leya, 2011.
- BRUM, E. *A menina quebrada: e outras colunas de Eliane Brum*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.
- BRUM, E. *meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*. São Paulo: Leya, 2014.
- CAIXETA, A. P. A., BARROSO, M. V. e BARROSO, W. *Verbetes da Epistemologia do Romance – Volume 1*. Brasília: Verbena Editora, 2019.
- CAIXETA, A. P. A., BARROSO, M. V. e BARROSO, W. *Verbetes da Epistemologia do Romance – Volume 2*. Brasília: Pontes, 2021.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 42 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. São Paulo: Graal, 1979.
- GORER, G. *The Pornography of Death*. 1955. Disponível em: <https://www.romolocapuano.com/wp-content/uploads/2013/08/Gorer.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2021.
- HAN, B. C. *A salvação do belo*. Petrópolis - RJ: Vozes, 2019.
- HAN, B. C. *A sociedade paliativa. A dor hoje*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- HEGEL, G. W. F. *Curso de estética. O belo na arte*. Tradução de Álvaro Ribeiro e Orlando Vitorino. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- HOHFELDT, A; MARTINO, L. C. (orgs.). *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*, 2001.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. 4. ed. Tradução de Fernando Costa Mattos. Petrópolis/ RJ: Editora Vozes, 2015.
- KUNDERA, Milan. *A Lentidão*. Tradução Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- LALANDE, A. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- LIMA, E. P. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Ed. rev. ampl. Barueri - SP: Manole, 2009.
- SILVA, N. C. da. *Estética dos contrários: a busca pela gênese do romance Uma/Duas de Eliane Brum*. 2017. 150 f., il. Dissertação (Mestrado em Literatura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/31274>. Acesso em: 29 ago 2022.
- SILVA, N. C. da. *Observatório literário de Eliane Brum: o romance Uma/ Duas conduzido pelo conjunto de obra*. 2021. 231 f., il. Tese (Doutorado em Literatura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/43605>. Acesso em: 29 ago 2022.

COMO CITAR

SILVA, N. C da. Observatório Literário de Eliane Brum: o romance *Uma/Duas* conduzido pelo conjunto de obra. *Revista Cerrados*, 32(63), pp. 154-166. 2023. <https://doi.org/10.26512/cerrados.v32i63.48754>